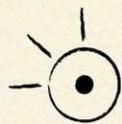
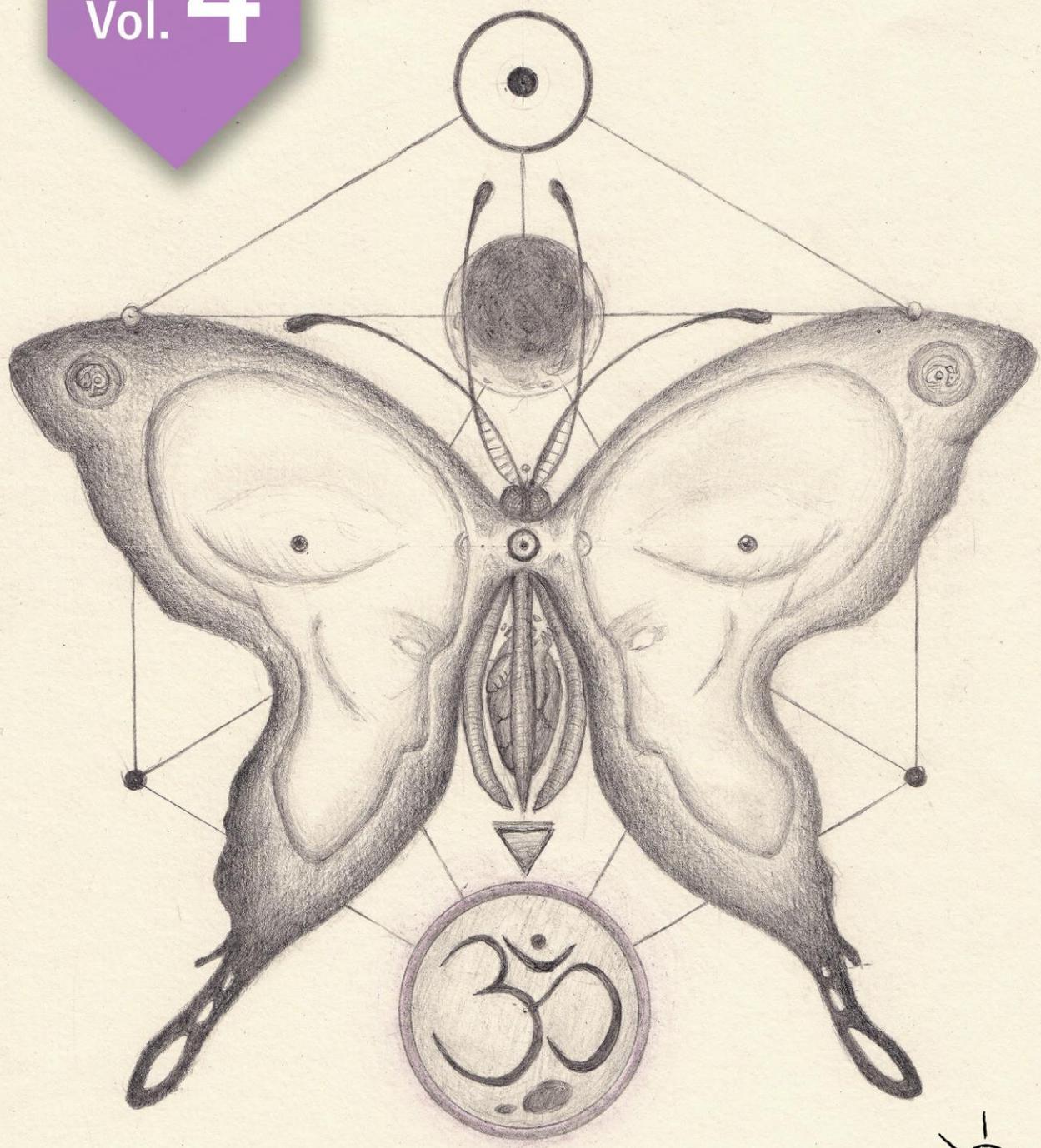


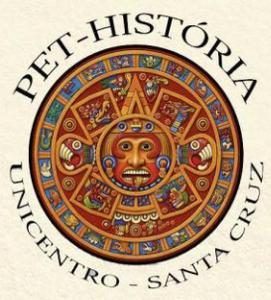
Caderno Experiências Discursivas

2016

Vol. 4



Arte por Pedro Renó, 2017 . Instagram @artepineal



CADERNO EXPERIÊNCIAS DISCURSIVAS v.4, 2016

ISSN

Publicação do Programa de Educação Tutorial
PET-HISTÓRIA/UNICENTRO
Guarapuava, Paraná, Brasil



Caderno Experiências Discursivas, v.4, 2016

Pet-História-Unicentro,

Guarapuava, v.4, dez. 2016. p.1-43

EXPEDIENTE

Corpo Editorial

Profa Dra. Luciana Rosar Fornazari Klanovicz
Universidade Estadual do Centro Oeste, Unicentro, Guarapuava/PR

Profa. Dra. Jaqueline Zarbato
Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, UFMT, Três Lagoas/MS

Prof. Dr. Rafael Siqueira de Guimarães
Universidade Federal do Sul da Bahia, Itabuna/BA

Profa. Dra. Samira Peruchi Moretto
Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó/SC

Prof. Dr. Clayton Luiz da Silva
Universidade Estadual do Centro Oeste, Unicentro, Guarapuava/PR

Profa. Dra. Rosemeire dos Santos Brito
Universidade Federal do Espírito Santo, UFES, Vitória/ES

Profa. Dra. Fabiane Popinigis
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro/RJ

Periodicidade

Anual

Autor corporativo

Programa de Educação Tutorial – PET/HISTÓRIA/Unicentro

Contato: lucianarfk@gmail.com

Secretaria: PET-HISTÓRIA-Unicentro

<http://www2.unicentro.br/pet-historia>

Unicentro, campus Santa Cruz, Rua Salvatore Rena 875 | 85015430 –
Guarapuava, Paraná, Bloco B, 3º piso.

Sumário

Apresentação do Caderno Experiências Discursivas

O Historiador Árabe Ibn Khaldun, **7**

Rafael Hass Wendler

As Ocupações de Escolas e Universidades no Paraná e no Brasil em 2016,

11

Luciane Zanin Ferreira

Viagem a Poços de Caldas/MG, **15**

Gerhard Allan Richardt

Silêncios Sobre a Real Feitoria do Linho Cânhamo, **17**

Pedro de Oliveira Lefevre Renó

Conversa Sobre Empoderamento De Mulheres, **19**

Maria Cristina Kirach

O Tempo Capital, **21**

Matheus Villani Cordeiro

Minicurso História da Arte, **23**

Danielle Gianinna Gonzalez Campos

Violeta Parra: “El canto de todos que es mi propio canto”, **28**

Danielle Gianinna Gonzalez Campos

Vale do Ribeira: O Exemplo Da Comunidade Remanescente Quilombola de Ivaporanduva Para A Desutopização De Uma Organização Social

Colaborativa, **32**

Pedro de Oliveira Lefevre Renó

África e Cultura Afro-Brasileira: História E Desafios, **35**

Maria Cristina Kirach

OK, Computer, **37**

Maxton Moreira Filho

E Aí, Tudo Bem? **39**

Eduardo Alves Gonçalves dos Santos

Grupo De Estudos Guarda Chuva, **40**
Vinicius Ferreira

Distinguilla, **41**
Dyener Santos

Normas para publicação

Apresentação

Caderno Experiências Discursivas é uma publicação do Programa de Educação Tutorial em História (PET-HISTÓRIA), da Universidade Estadual do Centro Oeste (Unicentro), Guarapuava, Paraná.

A publicação está destinada a veicular textos que tratem de temas, discussões, escritas criativas e experiências vivenciadas por petianas e petianos e por estudantes de graduação de diferentes áreas.

É um espaço pensado para que estudantes possam escrever de maneira, ao mesmo tempo, livre e reflexiva, registrando suas experiências cotidianas tanto em relação ao mundo cultural fora da academia e ao mundo da universidade.

Caderno Experiências Discursivas busca transformar as experiências (de assistir um filme, de viajar, de participar de uma atividade cultural, de fotografar ou visitar um museu ou galeria, entre outras inúmeras vivências) em discurso. É para abarcar a escrita que vem de dentro e de fora da academia, absorvendo diretamente as experiências da *flânerie*.

Os primeiros quatro números agregam experiências de petianos e petianas do grupo PET-HISTÓRIA-Unicentro que estavam anteriormente publicadas no blog do grupo.

A partir do quinto número, a ideia é ampliar as ações na forma de uma revista discente aberta para todas as áreas com seções oportunamente desenhadas na medida em que haja demanda.



Artigo:

O Historiador Árabe Ibn Khaldun

Rafael Hass Wendler*

Abd Al-Rahman Ibn Khaldun (1332-1406), além de historiador, o árabe possuía diversas alcunhas, dentre elas astrônomo, economista, jurista islâmico, advogado islâmico, erudito islâmico, teólogo islâmico, *hafiz*, matemático, estrategista militar, nutricionista, filósofo, cientista social e estadista. Sua grande obra foi o *Muqaddimah*, a primeira parte de seu livro de história universal, onde apresenta através da troca de dinastias do Magreb, uma filosofia da história cíclica, também e conhecido no ocidente como Prolegômenos.

Nascera na região do Magreb, onde hoje é a Tunísia. Partiu ainda menino com sua família para Espanha, em Sevilha, região onde havia hegemonia árabe, porém, após os reinos cristãos se expandirem para sul da Espanha retornará a Túnis, onde seu avô era um importante político. Ibn receberá boa educação, apesar de seus pais serem carentes de bens. Segundo Hourani (1994), acredita-se que até as famílias consideradas pobres ou desfavorecidas, tinham uma boa educação fundamentada nas normas do Alcorão. Que corrobora com a pesquisa de Giordani (1985), a qual os métodos de ensino dos muçulmanos no período medieval são totalmente fundamentados a partir do Alcorão. Já na juventude, Ibn Khaldun foi buscar o conhecimento em diversas cidades, e em várias mesquitas, onde aprendeu sobre o alcorão (livro sagrado dos muçulmanos), a moral, a lei, a matemática, a lógica e a filosofia islã. Segundo Hourani (1994), era costume da época, viajar em busca de conhecimento e daqueles que pudessem oferecê-lo.

Devido a seu conhecimento da lei e da ordem, permeou por diversos cargos públicos da cidade de Túnis. Também, percorreu servindo diversas cidades e califados da região do Magreb, como político ou ensinando em mesquitas. Visto que, em diversas dessas mudanças de Ibn Khaldun, fora em virtude de disputas políticas, Hourani (1994) considera que as relações entre governantes árabes eram instáveis. Como se vê nesta citação:

Foi para granada capital do último império remanescente da Espanha muçulmana [...] participou da

* Bolsista Pet-História-Unicentro. Graduando do curso de História, Universidade Estadual do Centro Oeste, Unicentro, Guarapuava, Paraná.

política de atrair os chefes árabes ou berberes das estepes e montanhas para que se aliassem aos governantes que servia, e a influência que ganhou junto a eles foi útil quando, como lhe aconteceu repetidas vezes na vida, caiu em desfavor junto ao seu senhor. (Hourani, 1994, p. 16).

Após, muitas empreitadas, passou quatro anos (1375-1379), vivendo num castelo, no interior da Argélia, assim, passou escrevendo sua principal obra o *Muqaddimah*, que é o primeiro volume, de sua obra de história geral *Kitab al-Ibar*, que seria uma história geral das dinastias do Magreb.

O *Muqaddimah* é uma obra de exponencial importância para a História. Nesta obra, Ibn Khaldun, tentou explicar, por meio de ascensão e queda de dinastias, como funciona o governo islâmico, ou seja, os califados e suas transformações, criando um tipo de teoria da história cíclica. Na mudança de uma tribo da estepe ou da montanha, a qual possuía um governo desorganizado, para um governo complexo e organizado, o qual tinha objetivo de obtenção e manutenção do poder.

Quem pratica esta ciência precisa conhecer as regras do estadismo, a natureza das coisas existentes e a diferença entre nações, regiões e tribos em relação a estilo de vida, qualidades de caráter, costumes, seitas, escolas de pensamento, e assim por diante. Deve distinguir as semelhanças e diferenças entre o presente e o passado, e conhecer as várias origens das dinastias e comunidades, os motivos porque vieram a existir, as circunstâncias das pessoas nelas envolvidas, e sua história. (Ibn Khaldun, 1994, p. 209 *apud* Hourani, p. 28).

Também, Ibn Khaldun, atenta para a legitimidade do governante. Algo que ele chamou de “governante divino”, ou seja, um indivíduo, que é considerado descendente de Maomé, portanto, nos diz, que dos laços de ancestralidade pelo qual um líder ou governante da região se transformaria em um “governante divino”, fundando uma dinastia.

Poderosas dinastias tinham cidades centro da cultura muçulmana, como são caso das cidades de Túnis, Meca e Damasco, as quais eram governadas por grandes califados. No entanto, Ibn Khaldun, pontua que toda dinastia traria consigo a sua destruição. Como se vê nesta citação:

Com a aproximação do segundo estágio o soberano mostra-se independente de seu povo: reclama toda glória para si e afasta dela a sua gente [...] Como resultado, eles tornam-se seus inimigos e, para impedir que tomem o poder, ele precisa de outros amigos, não de sua gente, que possa usar contra seu próprio povo. (Ibn Khaldun, 1994, p. 218 *apud* Hourani, p. 183).

Em sua visão, Khaldun, diz que o número dos membros de uma dinastia é ordinariamente três, sendo o primeiro o fundador, o segundo alcança o auge da dinastia e o terceiro inicia a decadência. Desta maneira, um governante que fosse extravagante, tirano ou não qualificado para o comando, perdia legitimidade divina e o fervor do povo. Segundo Khaldun, esses eram indícios da mudança de governo, ou seja, o fim de uma dinastia e o alvorecer de uma nova, já que, este governante não possuía mais a legitimidade divina para permanecer no poder. Assim, nascia um novo descendente de Maomé, que formularia nova dinastia.

Ibn Khaldun, também faz apontamentos sobre os governos ocidentais cristãos, que por não serem organizados, segundo as normas do Alcorão, e não possuírem legitimidade divina estariam fadados ao caos.

Anos após a conclusão de sua obra, Ibn Khaldun, juntara diversas inimizades por sua personalidade, então, foi embora de Túnis, indo ensinar teologia islâmica nos palácios reais de Cairo, que era capital do Sultanato Mameluco. Ao viajarem a seu encontro em Cairo, o navio que fazia a travessia da família de Ibn Khaldun, naufragou. Então, após a morte de sua esposa e filhos por naufrágio e a morte de seus pais vítimas da peste negra. Ibn Khaldun abandonou todos os seus afazeres, e passou o resto da vida para peregrinação, viajando entre os centros árabes, como a Síria, Damasco, Jerusalém e Cairo, aonde veio a falecer aos 74 anos. Sua obra e sua trajetória são amostras de um mundo estranho a nós, uma Idade Média diferente, um mundo de constantes transformações.

Definir Ibn Khaldun apenas como historiador, limitaria sua capacidade intelectual, segundo Maria Guadalupe (2000), foi considerado como o pai da sociologia e da antropologia, sendo um dos grandes expoentes e difusores do mundo islâmico. Assim, Hourani (1994), nos diz que Ibn Khaldun, foi tão importante para o mundo árabe, quanto para mundo ocidental, pois, a partir de sua obra, é que conseguimos conhecer um pouco sobre o mundo árabe, e compreender sua cultura e os ensinamentos do Alcorão. E para os árabes, foi grande decifrador da cultura do Magreb, conhecedor e difusor do islamismo.

Infelizmente, muitas de suas obras se perderam no tempo, entretanto, apesar da carência de fontes sobre o mundo islâmico, é possível denotar que Abd Al-Rahman Ibn Khaldun foi um notável expoente do mundo árabe medieval. E sua obra o *Muqaddimah*, foi inovadora, a forma com que trata a História.



Da esquerda para direita - Monumento a Ibn Khaldun no centro de Túnis (capital da atual Tunísia), representação de Khaldun do século XX (artista desconhecido), a principal obra de Ibn Khaldun, o *Muqaddimah* nas versões mais recentes traduzida para ocidente e em árabe.

Referências

- GIORDANI, Mário Curtis. **História do mundo árabe medieval**. 5. Ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1985.
- HOURANI, Albert. **Uma história dos povos árabes**. Tradução de Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- PEDRERO-SÁNCHEZ, Maria Guadalupe. **História da Idade Média: textos e testemunhas**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- STEWART, Desmond. **El mundo árabe**. México: Offset Multicolor, 1963.

As Ocupações de Escolas e Universidades no Paraná e no Brasil em 2016

Luciane Zanin Ferreira*



Imagem retirada da página - agora inexistente - "Ocupa Paraná", no Facebook

No ano passado, quando ainda estava no Ensino Médio, presenciei pela primeira vez uma greve duradoura dos professores e funcionários públicos. Foi a primeira vez que percebi como funcionava a relação entre governo, funcionários públicos e estudantes. Com certeza, essa movimentação grevista no ano de 2015 me deu um motivo a mais para desejar cursar história. A intenção era, também, entender porque aquilo acontecia.

Quando entrei na universidade, o espectro da greve ainda rondava por seus corredores. E então, tivemos uma mudança no governo federal, que passou a propor mudanças impopulares entre professores e alunos em geral, como a antiga PEC 241 – que foi aprovada como 55 – e a MP 746/2016.

Em outubro, algumas escolas secundárias começaram a ser ocupadas por seus estudantes, no início, foi muito tímido, como se o movimento não fosse muito longe, então, em pouco tempo, centenas de escolas já estavam ocupadas em todo o estado.

* Bolsista Pet-História-Unicentro. Graduanda do curso de História, Universidade Estadual do Centro Oeste, Unicentro, Guarapuava, Paraná.



Imagem retirada da página - agora inexistente - "Ocupa Paraná", no Facebook

Eu, pessoalmente, fiquei muito feliz quando em certa parte desse período, vi que a escola em que eu estudei por sete anos, no ensino fundamental e médio, havia sido ocupada, mesmo que essa escola atenda uma região periférica da cidade. Isso me fez pensar que essa geração – da qual também faço parte – não está se contentando com as informações mastigadas que estão vindo da mídia, e estão procurando entender mais de política.

Algum tempo depois, no dia 17 de outubro, tive a oportunidade participar de duas assembleias estudantis, para decidir se a universidade seria ocupada, a primeira, foi muito pacífica, e de forma unânime, os estudantes do período matutino que compareceram na assembleia, votaram pela ocupação. À noite, a assembleia estava muito mais cheia e agitada, com muito mais pessoas que eram contra a ocupação, mas mesmo assim, por volta das 22h, depois de muita discussão, o campus foi ocupado.



Ocupação do Campus Sta. Cruz Unicentro

Esse período de mais ou menos um mês, em que a universidade estava ocupada, foi o período, desde o início do ano, em que pela primeira vez, eu realmente senti que estava em uma universidade. A ocupação trouxe à tona uma ideia do que a universidade realmente deveria ser, pelo menos para mim. Particpei de discussões que nunca seriam possíveis apenas dentro da grade curricular de História. Conversei, pude trocar ideias e aprender muito com alunos e professores de cursos como Arte, Pedagogia, Filosofia, Letras e os de Comunicação Social, e era essa interdisciplinaridade que eu imaginava encontrar na universidade.

Esse contato com acadêmicos de outros cursos foi extremamente produtivo, visto que antes disso, ele não se estendia muito além da passagem um pelos outros nos corredores da universidade. A partir do dia seguinte, a ocupação se deu, propriamente dita, e eu tentei participar o mais ativamente possível, pois senti que eu, sendo uma aluna do primeiro ano, ainda no início do curso, tinha obrigação de tentar mudar alguma coisa, enquanto ainda havia tempo. Esse período de mais ou menos um mês, em que a universidade estava ocupada, foi o período, desde o início do ano, em que pela primeira vez, eu realmente senti que estava em uma universidade.

A ocupação trouxe à tona uma ideia do que a universidade realmente deveria ser, pelo menos para mim. Particpei de discussões que nunca seriam possíveis apenas dentro da grade curricular de História. Conversei, pude trocar ideias e aprender muito com alunos e professores de cursos como Arte, Pedagogia, Filosofia, Letras e os de Comunicação Social, e era essa interdisciplinaridade que eu imaginava encontrar na universidade. Esse contato com acadêmicos de outros cursos foi extremamente produtivo, visto que antes disso, ele não se estendia muito além da passagem um pelos outros nos corredores da universidade.

A ocupação acabou tendo seu fim, em meados de novembro, no entanto, o sentimento de união entre as pessoas que participaram, permaneceu. Principalmente, por que é comum o pensamento de que, no futuro, ao menos, não nos arrependemos de não ter lutado.

As ocupações, que alcançaram mais de 1000 escolas e universidades em todo o país, também tiveram seu fim, principalmente pelas tristes fatalidades que acabaram pairando sobre o movimento. Mas a luta, com certeza, vai continuar, pois as ocupações mostraram que, o movimento estudantil está forte, e ele resiste!



Ocupação do Campus Sta. Cruz Unicentro.

Viagem a Poços de Caldas/MG

Gerhard Allan Richardt*

Nos dias 16 e 19 de dezembro, tive o privilégio de realizar uma viagem a campo com a turma do 3º ano de geografia e do Geopet da Unicentro para a cidade de Caldas-MG e Poços de Caldas-MG.

A histórica cidade de Poços de Caldas encontra-se no planalto que leva o mesmo nome. A região é rica em fontes de água mineral, que foram descobertas principalmente no século XVII. Atualmente a região se destaca na extração de bauxita, utilizada para a produção de alumínio, e também na extração de granito para exportação.

Na região de Caldas, mais especificamente na localidade de Pocinhos do Rio Verde, local de nossa estadia, encontram-se diversas fontes termais, e uma rede hoteleira preparada para atender a demanda dos turistas. Uma das principais características é a forte presença de agricultores familiares bem como microempresas familiares.

O lugar é de extrema beleza, pois se encontra em uma faixa de mata atlântica, com áreas de proteção ambiental, uma delas é a Pedra Branca, que possui diversas cachoeiras com áreas de banho. Por ser uma região turística, é notável a presença de casarões que se remetem ao século XIX, onde as fachadas são conservadas para que os visitantes possam admirar a arquitetura de outro século.

Durante a estadia em Pocinhos do Rio Verde, participamos da tradicional "Festa de Santa Barbara", a região tem como costume realizar essa festa no mês de dezembro. E neste ano ela foi realizada no dia 17, onde toda a comunidade se fez presente para as comemorações.

A viagem só foi possível pela recepção singular que tivemos, grato ao Sr. João Luiz, a Sra. Ilsa e ao Prof. Clayton, que nos receberam em sua casa, e tornaram a viagem aconchegante e propiciaram bons momentos.

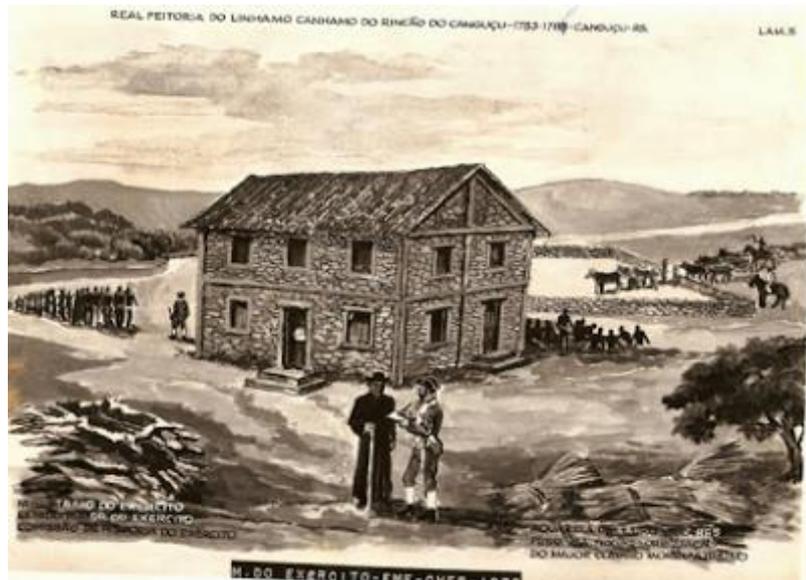
* Bolsista Pet-História-Unicentro. Graduando do curso de História, Universidade Estadual do Centro Oeste, Unicentro, Guarapuava, Paraná.



Planalto de Caldas - Pocinhos do Rio Verde

Silêncios Sobre a Real Feitoria do Linho Cânhamo

Pedro de Oliveira Lefevre Renó *



Durante a minha jornada pela educação básica, nunca ouvi e nem li nada a respeito da Real Feitoria do Linho Cânhamo. Esse tema veio a mim de maneira inusitada enquanto lia alguns artigos a respeito da história da *Cannabis* no Brasil, só assim fiquei sabendo que essa mesma planta já foi usada e cultivada livremente em solo brasileiro. Da curiosidade à indignação, como algo de tão grande dimensão fica assim despercebido por baixo dos panos?

O linho cânhamo é produzido a partir da fibra extraída do caule da *Cannabis*, e foi de grande importância para o processo das navegações, são muito mais resistentes e flexíveis que as alternativas feitas de algodão. Por isso todas as cordas, velas e tecidos utilizados nos navios eram produzidos a partir dessa mesma fibra, fazendo da *Cannabis*, uma planta de grande valor econômico e político nesse período. Seu cultivo foi influenciado pela coroa portuguesa, e o projeto foi colocado em ação onde hoje se localiza o Rio grande do Sul, mais precisamente nas regiões de Canguçu (1783-1789) e no Vale do Rio dos Sinos (1789-1824).

* Bolsista Pet-História-Unicentro. Graduando do curso de História, Universidade Estadual do Centro Oeste, Unicentro, Guarapuava, Paraná.

O silêncio nesse caso tem o seu próprio impacto na memória coletiva, e é de grande relevância aos que manipulam essa memória, para Jaques Le Goff “a memória coletiva foi posta em jogo de forma importante na luta das forças sociais pelo poder. Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva” (LE GOFF, 1984:103).

Com um pouco mais de leitura sobre o tema, percebi que o projeto foi um fracasso, e que gerou um grande prejuízo para a coroa portuguesa. Suas terras deram lugar à propriedades particulares de imigrantes europeus no começo do século XIX. Existem fontes que evidenciam que mais de 21 famílias de escravos que foram enviados da Real Fazenda do Rio de Janeiro para trabalhar na RFC. Essas mesmas referências me deram luzes sobre as causas desse fracasso, diferentes perspectivas historiográficas se posicionam a respeito desse tema na academia, porém, são informações fragmentadas e que certas vezes até se contradizem, porém nenhuma dessas perspectivas possui destaque e nem sequer um lugar nas grades curriculares do ensino de história no Brasil.

Conversa Sobre Empoderamento De Mulheres

Maria Cristina Kirach*

No último dia 1º de dezembro de 2016, fui convidada pelas discentes do 5º ano do curso de psicologia da Faculdade Guairacá, para participar de uma das fases do projeto do estágio obrigatório do curso. O projeto das discentes se desenvolveu junto à comunidade, mais especificamente com meninas em situação de vulnerabilidade social no bairro Xarquinho – Guarapuava, várias atividades já haviam sido iniciadas naquela comunidade principalmente com meninas entre 10 e 23 anos, como visitas nas famílias, assistência no posto de saúde do bairro etc.

O convite que recebi foi para falar sobre empoderamento das mulheres, de uma forma mais descontraída, ou seja, uma conversa mais aberta com as meninas. As atividades começaram no período da tarde, no antigo posto de saúde daquela comunidade que atualmente é utilizado por grupos de mães e mulheres que confeccionam artesanatos e também o espaço é usado para a realização de oficinas e palestras. Inicialmente as discentes realizaram atividades mais dinâmicas para quebrar a tensão entre elas e as meninas, a dinâmica era basicamente retirar perguntas embaralhadas e responde-las se quisessem, as perguntas eram em relação aos gostos, sonhos, problemas sociais atuais, e cada menina ficava livre para responder como se sentisse melhor.

Após esta primeira parte, as estagiárias realizaram uma roda de conversa sobre sexualidade, a qual foi realizada da seguinte maneira, cada menina que tivesse alguma dúvida ou curiosidades sobre esta temática recebia um papel e escrevia a pergunta, sem identificar-se para evitar constrangimentos, várias meninas perguntaram sobre diferentes temas e os mesmos foram respondidos tanto pelas estagiárias do curso de psicologia como as agentes de saúde do bairro que também se encontravam no local.

Depois destas atividades acima citadas realizei a fala com as meninas, abordando temas como a divisão e naturalização de papéis sociais, violência doméstica e violência no namoro, gênero, trabalho feminino e a autonomia e empoderamento das mulheres, trazendo alguns pontos do Plano Nacional de Políticas Públicas para as Mulheres e o enfrentamento de todas as formas de violência contra as mulheres.

* Bolsista Pet-História-Unicentro. Graduanda do curso de História, Universidade Estadual do Centro Oeste, Unicentro, Guarapuava, Paraná.

Também falei sobre os diversos tipos de violência em nossa sociedade (física, psicológica, sexual, institucional etc.) além de falar da importância de denunciar os agressores através do 180 que é a central de atendimento à mulher em situação de violência.

Também citei as atividades que a Secretária de Políticas para as mulheres de Guarapuava, vem desenvolvendo ao longo destes anos, que é um intenso trabalho tanto no atendimento da Rede de Enfrentamento as mulheres em situação de violência, como a promoção do empoderamento através da oferta de cursos, como de encanador, eletricitista, panificação, doces dentre outros, são cursos que ajudam na formação profissional das mulheres para o mercado de trabalho e também a entrada de renda para o sustento familiar.

Em seguida realizei uma dinâmica para que todas pudessem interagir e descontrair um pouco, a dinâmica abordava a temática violência doméstica e violência no namoro, e tinha por objetivo desconstruir estereótipos criados entorno da identidade de ser homem e ser mulher. Os materiais utilizados foram três cartazes com frases “concordo”, “discordo” e “não sei”, colados em diferentes lugares, quando eram lidas algumas frases polêmicas tipo: “Se as mulheres são vítimas e não deixam os agressores é porque gostam de ser maltratadas”, as meninas que quisessem participar deveriam se posicionar ao lado do cartaz, se concordavam ou não com aquela frase e as meninas que estivessem na opção “não sei”, as outras deveriam convencê-las para ir para a opção concordo ou discordo.

Foi uma experiência significativa conversar com elas, creio que é importante conhecer as realidades em que os (as) adolescentes se encontram, para que o conhecimento sempre parta da realidade dos (as) mesmxs.

O Tempo Capital

Matheus Villani Cordeiro *

Nos dias que se passam, pelos olhos dos recém-chegados ou dos que estão partindo, há algo em comum, a cobrança sobre o tempo. Mas porque o tempo? O tempo marca tudo e tudo provem do tempo, dependemos tanto do tempo que deixamos o lado humano para trás, associando nossos cérebros a meras máquinas, ordenadas por horários e compromissos indiscutíveis, assim “aproveitando” o máximo do dia sendo apenas peças de um grande sistema, como se fossemos algo superficial, algo irrelevante, humildes engrenagens substituíveis.

Em uma experiência do dia-a-dia, parei com um amigo em um semáforo, logo após o sinal fechar, um rapaz começou a fazer malabares com bolas, então fui questionado sobre se aquilo era ou não um trabalho, indaguei em responder, e pensei naquilo o dia todo, imaginei o esforço de estar a cada momento, no qual o sinal fecha, realizando um exercício repetitivo... O que lhe diferencia de algum indivíduo que senta em sua mesa, realizando a mesma função o dia todo? Por que não seria um trabalho? São questões como essas que naquele momento tomaram conta de mim.

O rapaz espera receber por deixar aqueles segundos em que eu aguardava mais curtos, por que entretenimento naquele momento em que esperávamos ansiosos, distraídos pelo fato de não estarmos fazendo nada era tão bem-vindo? Acostumamos-nos a estar sempre em função de algo, que nos cansa tomar um momento para pensar.

Na contemporaneidade tudo ficou tão próximo, porém, mais distante. Nos cumprimentos á conhecidos na rua, onde o curto diálogo marca por instantes uma relação que pela falta de algo que buscamos não se prolongará, diálogos programados que se repetem instantaneamente ao “apertar de um botão”. A meu ver, chegará uma época em que estaremos tão “desumanizados” que simples chamadas emergenciais não serão gratuitas, num futuro onde tudo se baseia em um único motivo, o “tempo”.

* Bolsista Pet-História-Unicentro. Graduando do curso de História, Universidade Estadual do Centro Oeste, Unicentro, Guarapuava, Paraná.



Minicurso História da Arte

Danielle Gianinna Gonzalez Campos*

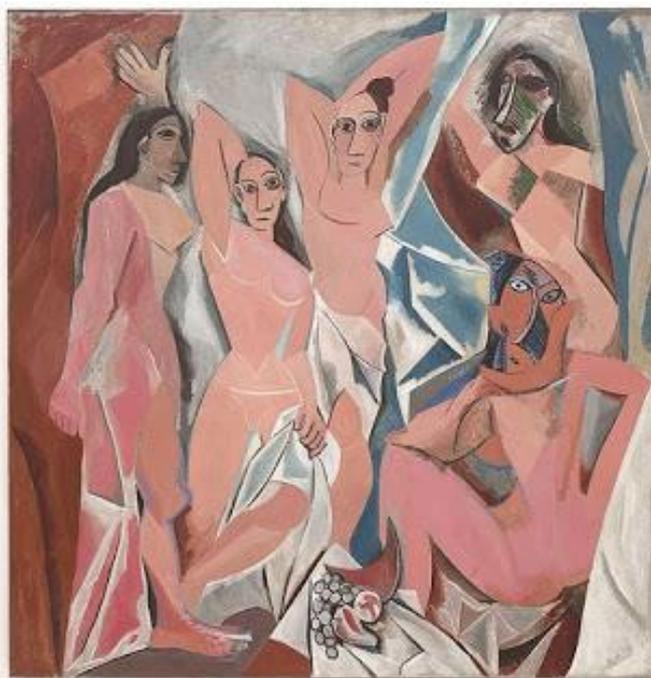
A disciplina de História da arte é um conteúdo que não faz parte da grade curricular do Curso de História na Unicentro, já há alguns anos. Visando suprir essa ausência, ocorre desde o final de setembro o Minicurso Curso de História da arte, organizado pelo Pet História e ministrado pela professora do Departamento de História, Silva Mello.



Totalizando 5 encontros realizados a cada 15 dias, com o último marcado para segunda-feira agora, dia 12 (pois o Curso parou frente a greve docente e a ocupação estudantil da universidade) a professora Silvia aprofundou-se sobre os três regimes de identificação da arte: o regime ético das artes, que vai desde a “pré-história” até a idade média, onde a arte tinha uma função mágica e mesmo sagrada; o regime poético ou representativo, que vai da renascença até o século XIX onde a arte possuía função contemplativa e decorativa; e o regime estético das artes que se dá a partir da segunda metade do século XIX onde a arte é feita para gerar reflexões e muitas vezes se dá como resistência e pretende fazer aquele que vê a obra de arte, sair do seu lugar comum.

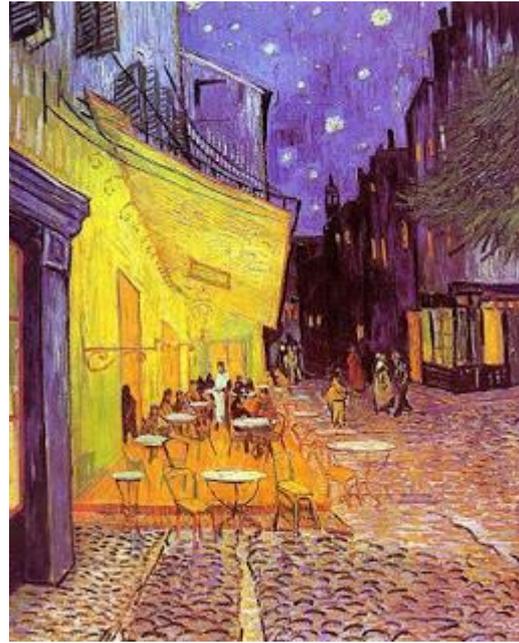
* Bolsista Pet-História-Unicentro. Graduanda do curso de História, Universidade Estadual do Centro Oeste, Unicentro, Guarapuava, Paraná.

Assim, tem-se construído durante o curso, reflexões a cerca do que é arte e de quem é artista, muito particulares. Uma das obras mais representativas da arte de Pablo Picasso “*Les Femmes d’Alger (O Versão O)*”, foi considerada um escândalo por retratar as prostitutas da avenida d’Avignon em Madri, disseram que a exposição da tela acabaria com a carreira de Picasso. Quem diria que hoje a obra valeria bilhões, e seria uma das obras mais importantes do século XX. A arte, é então, como a história, feita de mudanças, assim como de permanências. A obra permaneceu, e permanece por enquanto, mas o contexto mudou e o modo de enxergar a pintura, também.



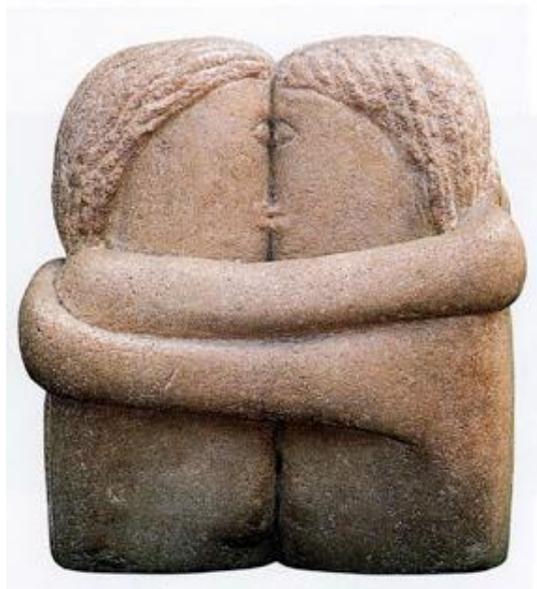
“*Les Femmes d’Alger*” Pablo Picasso(1907)

A mim particularmente me encantaram as obras de Vincent Van Gogh. Seus “simples” retratos do cotidiano e as cores vivas de suas pinturas expressam de forma intensa o que Van Gogh sentia, e passam essas sensações aos expectadores de suas telas. Quem é que não teve vontade de estar em “*O Terraço do Café na Place du Forum, Arles, à Noite*”? Nutro também admiração por Duchamp, que revolucionou o fazer do artista no século XX, onde hoje a técnica não importa mais. O que importa é o fazer artístico, o pensar a arte, o processo criativo que o artista teve para fazer daquela obra, arte. Agora, o que conta é a ideia.



“O Terraço do Café na Place du Forum, Arles, à Noite” Vincent Van Gogh (1888)

Constantin Brancusse recriando a escultura “O beijo” de Augusto Rodin demonstrou que não é necessário ser pioneiro para criar algo totalmente novo. O Beijo de Brancusse não é o mesmo beijo de Rodin, que por sua vez não é o mesmo beijo de Gustav Klimt. As influencias e os roubos artísticos criam algo próprio e inovador. Assim como Picasso, que aprendeu com o pintor de final de semana Henri Rousseau, a desenhar como uma criança. Modesto Picasso. Suas pinturas não têm nada de infantil, mas sim uma simples erudição.



“O Beijo” Constantin Brancusse (1907)



“O Beijo” Augusto Rodin (1882-1889)



“O beijo” Gustav Klimt (1907-1908)

Assim, a arte mesma, possui uma importância e motivação política e social, própria do seu tempo. Seja ao modo de representar fielmente os reis quase que divinamente, como o Rei Sol, Luís XIV, ou se apropriar das mascaradas africanas e das prostitutas da avenida d'Avignon para representar pessoas comuns. Cada época tem seus anseios expressos nas obras de arte.

Finalizo agradecendo de Coração a profe Silvia Mello, por ministrar o curso, e nos passar toda a sua paixão pela história da arte. O conhecimento construído é tentar vencer a inércia do sistema educacional atual.

Gracias profe!!!!



“Viva la vida” Frida Kahlo (1954)

Violeta Parra: “El canto de todos que es mi propio canto”

Danielle Gianinna Gonzalez Campos *

Conheci a "La Violeta" pesquisando sobre a música popular chilena, que dialoga com o tema da minha pesquisa acadêmica. Acabei descobrindo poesias cantadas por uma mulher de origem campesina que saiu de Chillán, povoado do Sul do Chile e que recorreu o mundo com suas canções, poesias e arte. Quero falar um pouco sobre o engajamento social e vida da chilena Violeta Parra através de suas composições musicais e poesia. Esclarecendo que tudo o que eu disser será pouco e limitador diante a imensidão e autenticidade de sua obra.



Filha do professor Nicanor e da costureira Clarisa, Violeta del Carmem Parra Sandoval nasceu no sul do Chile, numa região campesina chamada San Carlos, Chillán, no dia 04 de outubro de 1917. Em 1932 ela se muda para Santiago, capital do Chile com seus 8 irmãos, com eles tocava e cantava nas ruas, em circos, em estações de trens e mercados para viver. Em 1953 seu irmão Nicanor, o "antipoeta" a convenceu a voltar para o interior do Chile recuperando a tradição da

* Bolsista Pet-História-Unicentro. Graduanda do curso de História, Universidade Estadual do Centro Oeste, Unicentro, Guarapuava, Paraná.

poesia popular, campesina, que enfrenta a pressão da mudança modernizadora com a industrialização e urbanização do país.

Violeta compõe suas principais canções nas décadas de 50 e 60 e suas composições possuem um diversidade enorme. Ela canta sobre o amor (como esse trecho da composição "El amor" que é uma das minhas preferidas):

Trecho da canção "El amor"

*Entré al clavel del amor
Cegada por sus colores
me ataron los resplandores
de tan preferida flor.
Ufano de mi pasión
dejó sangrando una herida
que lloro muy conmovida
en el huerto del olvido.
Clavel no ha correspondido.
¡Qué lágrimas tan perdidas!*

E a maioria de suas canções são expressão de suas experiências como "Run-Run se fue pa'l norte" onde fala sobre sua grande desilusão amorosa e "La Carta" que fala sobre seu irmão Roberto Parra, preso:

Trecho da canção "Run-Run se fue pa'l norte"

*En un carro de olvido,
antes de aclarar,
de una estación del tiempo,
decidido a rodar.
Run-Run se fue pa'l Norte,
no sé cuándo vendrá.
Vendrá para el cumpleaños
de nuestra soledad.
A los tres días,
carta con letra de coral,
me dice que su viaje se alarga más y más,
se va de Antofagasta sin dar una señal,
y cuenta una aventura
que paso a deletrear,
ay ay ay de mí.*

Trecho da canção "La Carta"

*Me mandaron una carta
Por el correo templano
Y en esta carta me dice
Que cayó preso mi hermano
Así lo tema con grillos
Por las calles lo arrastraron, si.*

Ela canta também e principalmente sobre as questões sociais chilenas, onde denuncia a miséria e a opressão vivida pelo povo chileno, critica a indiferença e o apoio ao regime militar dados pela Igreja Católica, também denuncia a exploração estrangeira (imperialismo) dos trabalhadores rurais e operários e defende a reforma agrária. Algumas delas (particularmente as que mais me fascinam): "Al centro de la injusticia", "Yo canto a la diferencia", "Miren como sonrén" e "Que dirá el Santo Padre".

Trecho "Yo canto a la diferencia"

*Yo paso el mes de septiembre con el corazón crecido,
De pena y de sentimiento, de ver mi pueblo afligido,
El pueblo amando la patria y tan mal correspondido,
El emblema por testigo.
Afirмо señor ministro, que se murió la verdad,
Hoy día se jura el falso, por puro gusto no más,
Engañan al inocente, sin ni una necesidad,
Y arriba la libertad.
Ahí pasa el señor vicario con su palabra bendita.
¿podría, su santidad, oírme una palabrita?
Los niños andan con hambre, les dan una medallita,
O bien una banderita.*

Trecho "Al Centro de La Injusticia"

*Claro que algunos viven acomodados,
pero eso con la sangre del degollado.
Delante del escudo más arrogante
la agricultura tiene su interrogante.
El minero produce buenos dineros,
pero para el bolsillo del extranjero;
exuberante industria donde laboran
por unos cuantos reales muchas señoras
y así tienen que hacerlo porque al marido
la paga no le alcanza pal mes corrido.
Pa no sentir la aguja de este dolor
en la noche estrellada dejo mi voz.*

Para terminar essa pequena amostra da riquíssima produção artística de Violeta, coloco os links do poema (depois transformado em música), "La exiliada Del Sur" onde Violeta fala sobre seu caminhar e recorrido no interior do Chile, o link da canção "Que he sacado com quererte" um lamento mapuche chileno, que ela interpreta maravilhosamente, e diz muito sobre seu próprio fazer e resgatar cantos de tradição oral, campesinos, indígenas e, por fim, sua composição mais conhecida: "Gracias a lavida", onde ela diz que o canto de todos, o canto do povo, é seu próprio canto!

Referências

<https://www.youtube.com/watch?v=ovy3m37aBMY>

Inti Illimani interpretando "La exiliada del Sur"

<https://www.youtube.com/watch?v=QsEEwHBr2K4>

"Que he sacado com quererte" Lamento Mapuche reinterpretado por

Violeta

<https://www.youtube.com/watch?v=WyOJ-A5iv5I>

"Gracias a la vida" Interpretada por Mercedes Sosa.

Vale do Ribeira: O Exemplo Da Comunidade Remanescente Quilombola de Ivaporanduva Para A Desutopização De Uma Organização Social Colaborativa

Pedro de Oliveira Lefevre Renó*



O quilombo de Ivaporanduva fica a aproximadamente 50km da cidade de Eldorado, Sudeste do estado de São Paulo, mais precisamente na região do Vale do rio Ribeira, encaixado em uma bacia que margeia o rio. Lá, pude viver e analisar aspectos de uma comunidade tradicional, que possui sua própria história e forma de se relacionar entre si e com o “mundo externo”, reproduzindo internamente seus próprios discursos e posicionamentos políticos, mesmo atualmente onde predominam os discursos e as verdades construídas e estabelecidas pelo sistema capitalista, como o consumismo e a meritocracia, valores geralmente cristalizados na consciência coletiva como normais e absolutos, e que mesmo presentes na mentalidade dessa comunidade (não externa ao sistema capitalista,

* Bolsista Pet-História-Unicentro. Graduando do curso de História, Universidade Estadual do Centro Oeste, Unicentro, Guarapuava, Paraná.

mas à margem dele), não ocupam um papel primário como somos acostumados a atribuí-los.

Resistem a esses discursos externos, de forma a estabelecerem ao território do quilombo suas próprias relações e divisões do trabalho, tendo sempre como princípio básico a colaboração dentro do grupo, visando sempre ajudar mais aqueles que tem menos, assim, buscando uma constante nivelção social interna. Talvez essa colaboração esteja enraizada em seu histórico de resistência, no qual tiveram sempre de se unir para resistir frente a sociedade estabelecida, relação que segundo os próprios quilombolas, só começou a melhorar nos últimos 15 anos.

Desses anos para cá, alguns projetos colaboraram para que a qualidade da vida dentro do quilombo melhorasse bastante, como a comercialização da banana orgânica que já era cultivada dessa forma por eles a muito tempo, mas só foi possível obter um retorno financeiro a partir da criação de projetos que fortaleceram os pequenos e médios produtores. Ivamporanduva é hoje um dos maiores produtores de banana orgânica do estado de São Paulo, e o retorno dessa produção é principal fonte de ganho financeiro da comunidade. Segundo o Ditão, 65 anos, um dos líderes quilombolas que nos acompanhou como guia durante o primeiro dia de campo, essa renda é dividida igualmente entre o grupo, e investida em projetos de interesse interno, que são discutidas e estabelecidas através de votação em conselhos abertos aos membros da comunidade.

Entre esses projetos, está o da criação de um turismo diferente, chamado por Ditão de etnoturismo, onde pessoas podem ter acesso à cultura e à história que não é estudada nas escolas, uma história viva, de um povo guerreiro que ainda hoje resiste frente ao sistema estabelecido. O turismo hoje também é uma fonte de ganho financeiro, e que também possui traços que ao meu ver são fundamentais para a compreensão dessa estrutura social, tendo em vista que até ali o trabalho é dividido. Todos possuem sua Capuava (terra de trabalho), onde cultivam o que bem entenderem, para consumo próprio ou comercialização, mas também se revezam em trabalhos relacionados à esse projeto, atuando como guias em trilhas, na construção de casas ou na manutenção da pousada, sendo visível essa divisão até mesmo na cozinha, onde cada dia uma dupla diferente de mulheres trabalhou, preparando a comida e depois limpando e arrumando tudo.

Essa divisão do trabalho é também visível nas relações entre os membros do grupo, sendo ajudado aquele que mais precisa, por conta de alguma doença ou dificuldade financeira, se alguém tem alguma necessidade, a comunidade se mobiliza para ajuda-lo. Aspecto que foge bastante do nosso pensamento individualista construído pelos discursos capitalistas, onde tempo é dinheiro, e dinheiro é auto-realização, e que entre outros contribui para a idealização de uma comunidade sem desigualdade como algo utópico, e que em contrapartida é desconstruído ao conhecer uma comunidade com tal organização social, onde o espírito fraternal

permeia as mais de 100 famílias e suas relações, atribuindo a elas a colaboratividade como algo comum, e tendo o nivelamento social interno, ao meu ver, como reflexo dessa mentalidade.

Mentalidade construída por um ponto de vista onde a união faz a força, e a força gera o resultado. Hoje, o quilombo de Ivaporanduva é uma minoria que possui sua força e sua visibilidade, tendo como base para as relações internas e externas os valores tradicionais e os conhecimentos obtidos pelos membros que nos últimos anos conseguiram ingressar em universidades, e que ao concluir seus estudos, retornam à comunidade para colaborar com o coletivo. Hoje esses membros são de grande importância para o grupo, e mesmo jovens, possuem posições de grande importância na gestão do grupo, seja nos projetos internos ou nas relações políticas externas.

Se é possível que nossa sociedade algum dia alcance um estado sem desigualdade social, acredito ser impossível prever, mas ao viver essa experiência em Ivaporanduva, passo a ter isso não como uma utopia, mas como algo atingível, concreto, palpável, e que só não se estabelece em grande escala por conta dos discursos ainda tidos e assimilados como verdades absolutas, que ditam o que cada um pode fazer e como devem se relacionar, colocando como normal tudo aquilo que é do interesse de poucos e que é assimilado e reproduzido por muitos, e estabelecendo como utopia ou loucura tudo aquilo que foge à esses interesses.

África e Cultura Afro-Brasileira: História E Desafios

Maria Cristina Kirach *

As discussões sobre o ensino de História da África, em diversos níveis educacionais são de grande importância, mas para que houvesse o ensino desta temática nos currículos escolares foi preciso à aprovação de uma lei que obrigasse o ensino de História da África e da cultura afro-brasileira, a lei 10.639/03.

No Brasil essa temática é relevante, pois nosso país possui uma ligação com a África em diversas questões tanto na formação do Brasil, a religião, a cultura, as influências alimentares, dentre outras formas que contribuem para a nossa diversidade cultural. Mas ainda hoje existem preconceitos e discriminações em relação à África, neste sentido cabe não só ao professor, mas a todo o corpo escolar educador a contribuição para a desmistificação sobre a África, através da História desse continente e as relações com o nosso país.



* Bolsista Pet-História-Unicentro. Graduanda do curso de História, Universidade Estadual do Centro Oeste, Unicentro, Guarapuava, Paraná.

Quando olhamos para a historiografia contemporânea sobre a escravidão africana no Brasil podemos analisar que a mesma trabalha com essa temática analisando a escravidão no território como um passado de formação da identidade de um grupo (Guillen, 2008, p.343) e que além de denunciar as práticas de maus tratos e horrores, procura demonstrar que essa história é sobre indivíduos de carne e osso que foram capazes, mesmo com toda a experiência do tráfico, de recriar e de reelaborar as mais diversas formas culturais que nos remete a África.

Esses estudos são importantes para compreender que os africanos aqui desembarcados não sejam vistos apenas como vítimas, como a história oficial coloca, mas que também elaboraram formas de resistências, através de práticas culturais e manifestações corporais e artísticas, como o exemplo da capoeira.

Como sabemos o conhecimento proporcionado pela história é relevante para a formação das identidades, nesse sentido o ensino de história da África vem a contribuir para uma reflexão do processo de transmissão dos valores e a contribuição para diminuição do racismo e preconceitos existentes em nossa sociedade, que alimentou a existência da democracia racial, onde se acreditava não existirem diferenças em relação à cor da pele, todos teriam as mesmas oportunidades de emprego, acesso ao ensino público, sabemos que isso não é verdade, por isso além do ensino de história da África abrir novas possibilidades de reflexões sobre a diversidade cultural de nossa formação também vem a romper com a estrutura eurocêntrica da educação brasileira (Guillen, 2008, p.344).

Mas é preciso ressaltar as medidas de fomento para o ensino de história da África, como a formação de profissionais nesta área através da abertura de um número maior de programas de pós-graduação, e também a dificuldade do acesso a historiografia sobre a África, e a forma que são trabalhadas as diretrizes do ensino de história e cultura afro-brasileira e africana, e que esse ensino seja um espaço para discussões e reflexões sobre as desigualdades sociais, pensando de forma crítica o que vem acontecendo atualmente em nossa sociedade.

Referência

GUILLEN, Isabel Cristina Martins. *África e cultura afro-brasileira: Imbricações entre história, ensino e patrimônio cultural*. CLIO-Série Revista de Pesquisa Histórica – N. 26-2, 2008.

OK, Computer

Maxton Moreira Filho*



A ideia para escrever um texto sobre o melhor álbum, de uma das mais importantes bandas de rock alternativo, veio nesse mês de março quando entraram em minha casa, furtando dois computadores e outros objetos.

Mas o que tem haver o roubo com o álbum do Radiohead?

Bom, dois dias após o roubo, em uma tarde onde havia muita coisa para se fazer, mas sem meu computador disse a mim mesmo que não tinha como ser feito, resolvi mexer em uma parte do meu guarda roupa, onde acumulo as coisas que tem um certo valor sentimental, me deparai com o álbum já citado, resolvi colocá-lo no cd-player e escutá-lo na íntegra e foi uma experiência digamos nova.

* Bolsista Pet-História-Unicentro. Graduando do curso de História, Universidade Estadual do Centro Oeste, Unicentro, Guarapuava, Paraná.

Diferente das outras vezes que escutei, indo para escola, no trânsito, sem estar imerso na correria do dia, pude reparar o quanto estava imerso na crítica social que o álbum lança.

A temática que permeia o álbum é do ser humano sendo absorvido pelo cotidiano, o quanto estamos distantes de nós mesmos e dos outros. A tecnologia que seria um auxílio para aproximar as relações os seres humanos, acaba nos afastando. Não compramos um computador ou celular novo porque precisamos, mas sim pra manter um status quo, pois sem ele seríamos diferentes, e o diferente é ruim é rejeitado. Isto está muito bem mostrado na música **Let Down**, quando Thom Yorke canta “Pessoas desapontadas, apegando-se à bens matérias.

E quando conseguem é tão...decepcionante”. A partir dessa música percebi que não estava frustrado pelo computador que foi roubado, pois há muitos melhores que ele no mercado, ou pela falta de dinheiro para adquirir um novo., ou ainda minha pesquisa que estava toda lá, mas sim porque eu estava fora desse sistema, ou desconectado, não poderia conversar com meus colegas, participar das discussões pois só os conheço por de trás de uma tela de computador se realmente posso chamar isso de conhecer.

É incrível que as ideias apresentadas por um disco lançado no dia 21 de maio de 1997, estejam tão atuais, como aluno de história a palavra “afrente do seu tempo” como muitos usam para designar o álbum, não me agrada, é algo errado, pois pela minha percepção isso desvaloriza todo o trabalho que Thom York e seu grupo tiveram ao reparar no que acontece em sua volta entende-la, e fazer uma crítica sobre a mesma. Esse episódio em minha vida, me fez perceber, o quanto a sociedade e suas camadas são complexas, não percebia que estava totalmente submerso naquilo que criticava, que estou longe de entender o que seria a “História mais Humana” que minha professora Liliane, tanto falava nas aulas de Introdução aos Estudos Históricos, no ano de 2015 que passou.

E Aí, Tudo Bem?

Eduardo Alves Gonçalves dos Santos *

Interessante as perguntas sem respostas do cotidiano, não é mesmo? É, sabe quando você encontra um conhecido, normalmente tido como colega, ou algo assim. Neste momento, na maioria das vezes, logo soltamos o clássico "tudo bem?", ou mesmo o típico "como é que tá?". Ao ponto que estas frases são ditas por você e o conhecido ao mesmo tempo, ambos perguntando, ninguém respondendo.

São inúmeras perguntas sem respostas todos os dias, olhares trocados rapidamente, tão rápidos quanto a nossa perspectiva de tempo nas cidades maiores. Vale ressaltar o quão cômico é a reação das pessoas, quando não respondemos o tão esperado "tudo bem também". A maioria dos indivíduos a primeira instância, fica paralisado, seus cérebros aparentemente congelam, na dúvida de oferecer um copo d' água com açúcar ou um abraço.

Ao invés de simplesmente perguntar "o que houve?". Porque esta pergunta é tão difícil de ser realizada? Simplesmente porque a maioria das pessoas não quer aceitar as dores do mundo, as atrocidades do sistema em que vivemos, apenas quer fingir que está tudo bem. Dói ter empatia pelo outro, profundidade é coisa de louco, machuca um bocado. Vamos então continuar na superficialidade segura, confortável e sem vida alguma.

* Bolsista Pet-História-Unicentro. Graduando do curso de História, Universidade Estadual do Centro Oeste, Unicentro, Guarapuava, Paraná.

Grupo De Estudos Guarda Chuva

Vinicius Ferreira*

Esse relato que se segue, é quase que um conto no mundo acadêmico atual. O grupo guarda-chuva é um grupo proposto á principio pelo Laboratório de Cultura, Política e Sociedade (LACSO), onde, todos os participantes desse grupo tem um referencial em comum no caso o referencial thompsoniano, referencial este, que liga várias pesquisa de diferentes temas que trazem consigo conceitos chaves como o de experiência e resistência.

Mas, o que importa aqui é a NOSSA experiência dentro deste grupo, e esta mudou meu jeito de ver a própria vida. De inicio o grupo era conduzido por um professor, mas acabou por ser cada vez mais escassas as reuniões, até que elas acabaram. Levantamos o grupo novamente, mas agora com um direcionamento diferente, o professor não está nas reuniões, apenas em algumas específicas, o grupo é feito e discutido pelos próprios acadêmicos.

Reuniões de apresentação das pesquisas onde nós mesmos acrescentamos as pesquisas daqueles que apresentam, além do que o grupo é feito por amigos, que em nenhum momento recuam a crítica por isso. Um crescimento conjunto, que acaba por formar não só pesquisadores, mas nos forma para a vida, além do que a discussão se segue de forma mais descontraída tomando uma boa cerveja após o grupo!

* Bolsista Pet-História-Unicentro. Graduando do curso de História, Universidade Estadual do Centro Oeste, Unicentro, Guarapuava, Paraná.

Distinguilla

Dyener Santos*

O projeto **DISTINGUILLA**, criado por um grupo de amigos que se sentiam extremamente reprimidos artisticamente, devido ao excesso de academicismo e burocratização das atividades humanas, resolveu dar vez a uma criação que falasse por eles sem o compromisso e a responsabilidade de uma vida adulta, regrada a formalidades e supressão de sentimentos.

Difícil se faz descrever em palavras o que realmente queríamos com a criação do projeto, até porque foi algo que surgiu do coração, e não do cérebro. No entanto, eramos certos de que precisávamos de algo para nos expressarmos sobre a vida, as coisas e as pessoas a nossa volta, e usaríamos como válvula de escape única e exclusivamente a **arte**. Textos, poesias, poemas e ilustrações, elaboradas por um grupo de amigos e amantes da arte e de tudo aquilo que a acompanha, eram o único comprometimento do projeto, expor e trazer àquele que lê um pouco mais de artisticidade, sentimentalidade e até mesmo criticidade, porque não?!

* Bolsista Pet-História-Unicentro. Graduando do curso de História, Universidade Estadual do Centro Oeste, Unicentro, Guarapuava, Paraná.



- DISTINGUILLA® -

Dyener, *Distinguilla*, 2015, 1080x1512, Digital art

A DISTINGUILLA, enquanto um ser material, foi pensada à partir de dois amigos, até então ainda não membros do projeto, que ao lerem um texto de uma disciplina qualquer, se depararam com uma palavra de mesma configuração visual, mesma escrita, alí deram vez a imaginação considerando o fato daquela palavra ser uma espécie "rara" de iguanas ou lagartos, construindo no imaginário algo que viria a ser posteriormente o nosso "selo artístico", a nossa marca. (Acima pode se ver a ilustração, também criada por um dos membro do projeto.)

Ainda não sabemos se vamos continuar ou não com a DISTINGUILLA, até porque ela não exige de nós uma postura ou demanda de nós compromisso, ela estará simplesmente ali, do lado, pronta para nos receber quando necessário, disponível à nós nos momentos onde a arte fale mais alto. Ela, a Distinguilla, este projeto de jovens graduandos que facilmente pode ser esquecido com o passar dos anos pelos mesmos, mas que teve sua importância na formação desses que a criaram.

Caderno Experiências Discursivas

Normas de Publicação

Propostas de publicação devem ser encaminhadas para o e-mail lucianarfk@gmail.com indicando, no assunto, “Experiências Discursivas”.

Publicamos experiências discursivas na forma de artigos, relatos de viagem, resenhas de filmes, de livros, de exposições artísticas, de literatura, de atividades de fora da academia ou acadêmicas, desde que sempre tenham imagem e texto.

Todos os originais precisam ser encaminhados em arquivo word, contendo título, autoria e filiação acadêmica.

Artigos criativos também são bem vindos e devem estar formatados de acordo com a ABNT, no sistema autor-data.

Os textos são reunidos pelo corpo editorial da revista e selecionados de acordo com a qualidade e potencial criativo.